



Os pais e a adolescência dos filhos

Rosely Sayão

Uma internauta enviou uma questão bem interessante. Com uma filha de 14 anos, ela está enfrentando os revezes da adolescência: conta que a filha se recusa a qualquer convivência familiar, vê muito poucos os amigos fora da escola e não tem ânimo para nada, nem para passear. Além disso, toma poucos banhos, o seu quarto é um horror e seu desempenho escolar vive de altos e baixos. Essa mãe conta que sempre foi presente na vida da filha, educou-a bem durante a infância e agora tem a impressão de que tudo o que fez ficou perdido no passado, que não resultou em nada.

Tenho visto muitos pais de adolescentes com essa mesma sensação: de sentirem o árduo trabalho educativo exercitado durante anos ir por água abaixo. É preciso mudar essa interpretação para que os pais encontrem forças para continuar sua tarefa até o término dela.

No período da adolescência, o filho passa por uma verdadeira metamorfose. O corpo, que lhe era tão familiar e também conhecido dos pais, passa a ser um desconhecido que muda a cada dia, e não do modo esperado e/ou idealizado. É como se fosse a metamorfose da borboleta às avessas: é esta que se transforma em lagarta. Esse é um dos motivos que colabora com o descuido corporal e da saúde que tantos jovens experimentam nesse período: como cuidar de um corpo que ele não conhece, não entende, não sente que é seu, como expor socialmente esse corpo?

Com tantas mudanças no corpo, muda radicalmente a relação do filho com ele mesmo e com o mundo: já não sabe o que lhe importa, quais suas prioridades, qual sua identidade. Trata-se de um período em que o filho coloca em xeque o amor de seus pais – se ele mudou tanto e precisa se afastar para construir sua própria vida, será que continua sendo um integrante importante daquele grupo?

Neste momento, cabe uma reflexão dos pais sobre a própria vida. O que fizemos com a herança educativa que recebemos? Nós nos apropriamos dela, não é verdade? Isso significa que muito do que aprendemos com

nossos pais incorporamos, algumas coisas transformamos e outras, ainda, rejeitamos. Pois é exatamente no início desse processo que o jovem se encontra. Só que, de modo desajeitado, recusa tudo que veio dos pais porque ainda não sabe discriminar o que tem a ver com ele daquilo que não tem.

É nessa hora que os pais precisam lembrar ao filho quem ele é no sentido familiar. Os valores ensinados precisam ser reafirmados, o autocuidado, em todos os aspectos, precisa ser lembrado e a tutela exercida com firmeza cedendo espaço, de modo paulatino, à negociação e à autonomia.

Vou dar alguns exemplos: banho diário e higiene dental continuam sendo atos obrigatórios. Para tanto, os pais precisam usar toda sua autoridade: não deixar o filho ir dormir sem tomar banho. Ele irá resistir, fazer cara feia, ameaçar, burlar (deixar o chuveiro aberto um tempo sem se banhar) etc. Nada disso deve assustar ou demover os pais de sua tarefa. Aos poucos, o filho aceita a idéia que se trata de um bem para ele e não para os pais.

Reunião e convivência familiar? Os pais devem exigir o que consideram o mínimo, pois precisam entender que o filho precisa de momentos de solidão ou com os amigos. Ele está trocando de turma, afinal. Exigir um mínimo não significa obrigar que ele faça isso de bom grado: basta que esteja presente. Aos poucos – quem sabe? – poderá apreciar esses momentos.

E é assim, com os pais reafirmando a educação que deram, mas aceitando que o filho seja diferente deles ou do que sonharam, é que a tarefa educativa pode ser finalizada. Tudo o que o filho adolescente não pode é ser abandonados pelos pais nesse difícil e excitante trajeto de sua vida.

Recomendo que assistam ao filme “Aos treze”: é uma grande fonte de reflexões, compreensões e identificações para os pais que atravessam esse período.